

SURYOYE - 106

SÃO PAULO - ABRIL/2021

ORAÇÃO INICIAL

NESTA EDIÇÃO

ORAÇÃO

INICIAL 1 (*bêlilio nêqum*)RITUALÍSTICA
A ARTE NA
IGREJA—

2 É noite, levanta-te
Agradece ao Filho de Deus
Pois à noite aconteceu uma gritaria
“Nela vem o Senhor Deus”

PARTE III

CULTURA
ORIENTAL-

7 E saem a Seu encontro
Os benevolentes e os justos,
Os profetas, os apóstolos

MAMUL OU
MERISSO?

E os santos mártires
Com Ele entram
No Céu cheio de alegrias

TEXTOS EM
ARAMAICO 12

E herdamos o Reino
Cantando glória,
Aleluia,
Glória ao Senhor! Deus!

[Oração para o Domingo de Ramos de Simão o Oleiro (sec. V) publicada no “*Livro das Orações da Semana Ordinária da Igreja Siríaca Ortodoxa*” - Imprensa do Mosteiro de São Marcos. Jerusalém. 1936 .



Entrada do Mosteiro de Mor Abhay (Sto. Abai), que fica próximo a Adyaman (atual República Turca), à beira do rio Pirin - construído no século V.

ܡܨܚܘܢܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ
ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ
ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ
ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ
ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ

INFORMATIVO
SURYOYE

Suryoye é um órgão de divulgação interna da Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria.

Artigos - Peter Sowmy
Revisão - Aniss Sowmy

IGREJA SIRIACA ORTODOXA

Na Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria, S. Emca. Arcebispo Mor Severios oficia as missas em aramaico e português, aos domingos às 10h30 na Rua Padre Mussa Tuma, 3, bairro Vila Clementino, São Paulo/SP.

Estamos à disposição para atender os fiéis, telefone (11) 5581-6250.

ESTAMOS NA WEB

WWW.IGREJASIRIANSANTAMARIA.ORG.BR

FACEBOOK: IGREJA SIRIAN ORTODOXA SANTA MARIA

RITUALÍSTICA-A ARTE NA IGREJA SIRÍACA

ORTODOXA DE ANTIOQUIA- III

[A 1ª e a 2ª parte foram publicados nos números 104 e 105 de *Suryoye*, respectivamente].

Começemos então por algumas análises nos diversos campos da arte do nosso Oriente. Observemos primeiramente a música.

1) A Música - I.

Assim como muitos outros campos da arte, o desenvolvimento de conceitos técnicos musicais é muito restrito nos idiomas semitas visto que tal desenvolvimento cessou por volta do século sétimo da Era Cristã. Quando analisamos a música na esfera mundial, verificamos que muitos conceitos foram criados no Ocidente (na Europa), após o século XII e evoluíram com os diversos descobrimentos da ciência da física nos séculos posteriores, em especial durante e após a Era do Renascimento, do Barroco e do Neo-Clássico. Assim também, a maioria dos termos técnicos musicais foi criada após o século XII. No entanto, essa evolução nunca chegou ao nosso Oriente, por causa das guerras religiosas que o islão provocou as quais tiveram início pelo final do século 7º e se prolongaram por 1.200 anos; dessa forma isolaram todo o Oriente do resto do mundo não islâmico; até que o governo dominante do Oriente, o maior império islâmico de todos os tempos, o Império Otomano, perdeu força no Ocidente e, para tentar acompanhar o Ocidente, precisou aceitar diversos desenvolvimentos ocidentais, de forma acelerada, sem qualquer metodologia, pelo início do século XIX, principalmente por volta de 1.830, após a introdução do 1º “jornal semanal” de notícias no Império Otomano.

A introdução desse 1º jornal, foi motivo para que outras publicações ocorressem, em diversas áreas do conhecimento porém, sempre havia a tentativa de supressão do conhecimento por parte do governo otomano e dos clérigos islâmicos (como ainda há se algum preceito da religião islâmica for contrariado; citamos como exemplo, na arte pictórica, a representação de um ser humano).

Retomando então o tema da subdivisão que pretendemos estudar: a música, tentaremos levantar como evoluiu a música na Igreja Siríaca até o século VII / VIII com alguns prolongamentos, no 12º ou 13º século da nossa era.

Para podermos entrar um pouco mais na parte técnica, vamos adotar como base os volumes da série “*Mardutho dSuryoye*”; referência especial aos volumes X e XI dos mestres “*malfone*” Abrohom G. Sowmy e seu filho Basim I.G. Sowmy. Estes dois volumes encontram-se inseridos na página de internet da Igreja Santa Maria, na parte **CULTURAL**, como **LIVRO 1** e **LIVRO 2**, no endereço: <http://sirian.igrejasiriansantamaria.org.br/partituras/> e são gratuitos para serem “baixados”. Cabe citar que mestre Basim escreveu mais um volume, o **volume XII - LIVRO 3** - que ainda não foi publicado, porém está pronto para publicação, também em arquivo PDF na internet. Devemos ainda citar que essa “gratuidade” é gentileza do autor, mestre Basim, que assim cumpriu seu ideal e de seu pai “malfono Abrohom” de manter a divulgação do conhecimento, da Cultura Siríaca, graciosamente para todos que a estudam e pesquisam.

Uma das principais diferenças entre essa forma de apresentar a música, em grafia “quase” ocidental e os diversos outros livros que surgiram antes era o fato que dois aspectos gráficos fossem cumpridos:

a) qualquer músico ocidental ou oriental e que conhecesse a notação gráfica musical ocidental pudesse executar a melodia, mesmo que não conhecesse a música oriental em questão e/ou a grafia do siríaco (aramaico);

b) qualquer cantor que conhecesse grafia do siríaco (aramaico) pudesse ouvir a execução da melodia e conseguisse localizar as diversas variações melódicas nas frases musicais e as relacionasse com as sílabas lingüísticas que estavam grafadas.

Esse dilema era comum a todas as culturas e religiões semitas (judaísmo, arabismo, islamismo, mandeísmo e sirianismo), pois, todos eles (no século XX e talvez até no XXI) escrevem a melodia dentro da grafia ocidental sem qualquer grafia linguística e, separadamente, escrevem a grafia lingüística. Desta forma, quem ouve a melodia não sabe “onde encaixar” as sílabas ou, quem lê as palavras não consegue entender as variações melódicas relativas a essas sílabas. Este dilema é real e existe pois as línguas semitas “correm” da direita para a esquerda enquanto que a grafia musical foi feita para as línguas européias, as quais “correm” da esquerda para a direita e assim, a grafia musical também “corre” da esquerda para a direita, ou seja, a grafia musical “corre” num sentido e a grafia lingüística semita, no sentido oposto.

Foi com esse dilema em mente que os autores desses dois volumes de **Mardutho dSuryoye** divisaram a solução proposta. Uma solução intuitiva. Uma solução, depois de efetuada e entendida.

Os mestres Ibrahim e seu filho Basim, “rebateram” em 180° a escrita na pauta musical, assim, a clave que deveria estar totalmente no lado esquerdo da pauta, estará no lado direito, os acidentes da clave que devem seguir a clave, ou seja, deveriam figurar em 2º lugar, estarão “antes” da clave (para o leitor musical ocidental) porém, virá após a clave, nessa nova configuração, por fim, virão as notas musicais e barras musicais que, seguirão na mesma seqüência. Dessa forma, a grafia musical seguirá a grafia lingüística semita. Faltou dizer que o andamento da melodia, o qual deveria ser indicado logo acima da 1ª pauta musical, isto é à esquerda, passará a figurar à direita, acima da 1ª pauta musical da melodia (vai no extremo direito, porém acima da pauta).

Exceto por essa diferença tudo mais da notação gráfica musical ocidental foi cumprido (por isso, mais acima dissemos “quase” ocidental).

Para nosso “estudo” específico agora, não abordaremos todo o cabedal de obras conhecidas da música sacra da Igreja Siríaca de Antioquia, que apesar de algo como 1.500 obras nos terem restado dos citados séculos, ainda assim são muitas (*I). Faremos um estudo praticamente em função da evolução no tempo com algumas músicas pois, pretendemos ainda, abordar outros campos da arte.

A melodia que mais nos chama atenção, por sua simplicidade, encontra-se na página 26 do **Livro 2** e é a 3ª música (melodia) dessa página. Quando a analisamos, vemos claramente que é composta somente por 8 compassos binários. O nome da melodia é: **iro delo domek** (tradução ao português seria: “atento que não dorme”). Na estrutura musical da Igreja, classifica-se com o nome de: “**perdo**”. Na verdade esta não é uma “classificação musical”, é “poética”.

“**Perdo**” é uma poesia de uma única estrofe que contém poucos versos; em geral é composta por 2 ou 3 versos mas pode ter um único verso (como neste caso) e cada verso é dividido em dois hemstíquios (em poesia, um hemistíquio é a metade de um verso). Além disso, o “**perdo**” possui um significado completo, mesmo em se tratando de uma única estrofe com um único verso. No nosso exemplo um dos autores do Livro 2, Basim, já marcou as duas divisões da melodia com os símbolos ① e ② que acompanham a divisão de **proposição** e **resposta** tanto na melodia quanto na poética (*II).

A título de curiosidade, registramos que, em seu discurso, padre Dale A. Johnson, norte-americano de vasto conhecimento; estudioso da cultura do Extremo Oriente, ao falar da “Rota da Seda”, observou que foi o “**perdo**” o protótipo do “*Hai-kai*” e que os poetas japoneses somente chegaram ao “*Hai-kai*” depois que os pregadores siríacos cristãos e seus discípulos chegaram às ilhas do Japão, por volta do século VII da Era Cristã, dando a entender que essa forma poética foi fruto dessa pregação (*III).

A diferença entre o “**perdo**” siríaco e o “*Hai-kai*” japonês é que enquanto os japoneses somente conseguiam a produção dele através do suporte poético, os siríacos (ou assírios) conseguiam usá-lo dentro de dois campos da arte: a literatura (suporte poético) e a música (suporte musical), sem que perdessem o significado em ambos suportes (*IV).

Quando estudamos a composição musical desse “**perdo**” e percebemos a simplicidade da mesma, é impossível não associarmos isso com a idade da composição, a era em que foi composta. Enquanto a lírica tem um fundo cristão, a música mostra-se tão primitiva que nos permite dizer que certamente remonta à era pré-cristã, possivelmente a 1.000 a.C. pois, nessa época, os semitas, em especial os que já

eram civilizados, (assírios, fenícios, babilônios) compunham melodias para serem cantadas nos templos, tanto para súplicas (como é a letra das diversas estrofes cantadas às quartas-feiras nos mosteiros cristãos siríacos) como as de louvor, para as mais diversas ocasiões (ainda que, às quartas-feiras também, há estrofes utilizadas para esse fim).

Aqui, duas observações devem ser feitas:

(1ª) para que não fiquem esses estudos aqui sem ilustração, copiamos as notações gráficas musicais junto com as líricas correspondentes e colocamos as traduções e as pronúncias figurativas, tudo no final de cada explanação;

(2ª) Por causa da edição gráfica, os símbolos musicais, às vezes, aparecem distorcidos, assim, já utilizando o linguajar musical, neste caso aparecem dois acidentes na clave, um bemol na linha da nota dó e um bemol na linha da nota mi, porém, é certo que se trata de si bemol e mi bemol conforme regras da música ocidental. Às vezes, também na pauta as notas parecem ser outras.

Visto que muitos de nossos leitores não entendem a notação gráfica musical ocidental, neste “perdo” (*iro delo domek*), simplificamos o movimento, apresentando o movimento sonoro (além da grafia do livro, é claro) com um gráfico simplificado de subidas e descidas, sem a nuance das notas e da pauta musical ocidental; dessa forma, o leitor poderá sentir as variações da grafia. O leitor deverá cuidar observando que a leitura musical também é no sentido da direita para a esquerda e para isso, somente como lembrete, colocamos uma seta indicativa do sentido, logo abaixo da linha indicadora dos sons.

Observações

(*I) A música sacra ocidental abrange um número muito maior de obras, ainda que a maioria seja posterior ao século XII e poucas restaram que houvessem sido compostas nos séculos anteriores. A Igreja Católica Apostólica Romana, paradigma das Igrejas Ocidentais, a partir do século XV desenvolveu algumas técnicas muito usuais atualmente, a partir do canto polifônico em que os cantores não mais cantam monofonicamente, tal como acontecia com o canto gregoriano e com os cantos sacros orientais. A maioria dos registros também é desses séculos. Quanto à música antiga sacra judia, foi perdida por conta do Exílio Babilônico e invasões posteriores e dispersão do povo judeu, com isso, as melodias não compostas no Ocidente, reduzem-se a poucos exemplares que apresentam uma grande “influência estrangeira” que nos leva à música dos povos siríacos (e por consequência, da Igreja Siríaca de Antioquia). A música sacra islâmica reduz-se a duas melodias sem o uso de instrumentos musicais (são executadas “à capela”) e, numa análise mais detalhada conclui-se que essas melodias já existiam como cantos “à capela” da Igreja Siríaca. A música persa tem sua origem nos solos islâmicos “à capela” e algumas na música sacra indiana e chinesa, Observemos que todas as citadas, exceto as da Igreja Romana, são também monofônicas.

(*II) A opção pela nomenclatura “**proposição**” e “**resposta**” deve-se a estes dois termos parecerem mais adequados do que outros termos também utilizados como: “*introdução*” e “*complemento*”.

(*III) Também, em relação aos povos das ilhas conhecidas como Japão, neste artigo, todos os povos dessas ilhas foram denominados de japoneses ainda que etnicamente tenham origens diferentes.

(*IV) Padre Johnson fez uma palestra a respeito em junho de 2016. Quanto ao Brasil, os irmãos Haroldo e Augusto de Campos foram os brasileiros a estudarem em profundidade a estrutura do “Hai-kai”, entre 1950 e 1970. Na década de 1960 Haroldo de Campos publicou um livro a respeito.

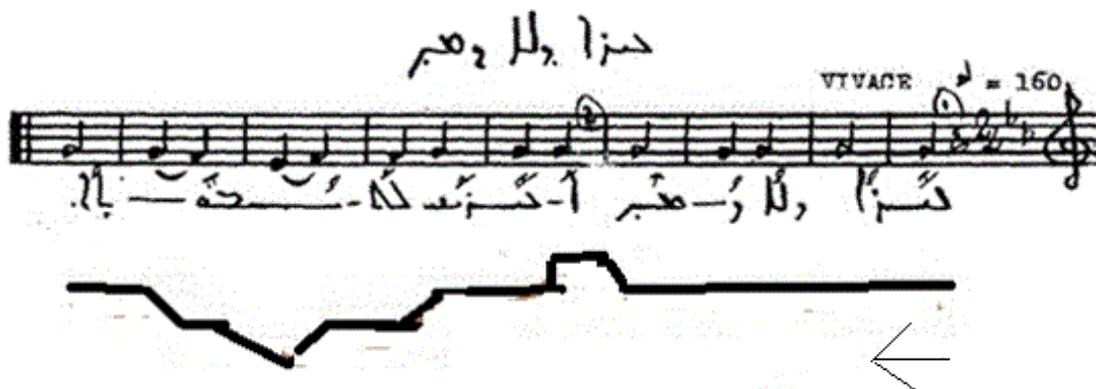
Para Saber Mais

- 1) Sowmy, A.G e Sowmy, B.I.G. *A Evolução Cultural dos povos Assirio-aramenos do Oriente. A Música* . vol X. São Paulo. 1986.
- 2) Sowmy, A.G e Sowmy, B.I.G. *A Evolução Cultural dos povos Assirio-aramenos do Oriente. A Música* . vol XI. São Paulo. 1990.
- 3) Campos, Haroldo de. *A Arte no Horizonte do Provável*. Perspectiva. 1969.
- 4) Johnson, D.A. *Forty Years on The Silk Road* – palestra de 4 de junho de 2016.
- 5) Cumming, Charles G. *The Assyrian and Hebrew Hymns of Praise*. Columbia University Press. USA. 1934.

RITUALÍSTICA-A ARTE NA IGREJA SIRÍACA

ORTODOXA DE ANTIOQUIA- III (CONTINUAÇÃO)

1ª melodia: *iro delo domek*



Tradução e Transliteração

Iro delo domek		
Tradução	Transliteração direita para esquerda (entre parênteses a leitura "correta")	Siríaco (conforme Livro_2)
① atento que não dorme	kem_od olêd orí (iro delo domek)	كُنْزًا دَلًا دُ-طَبْرًا
② (faze-nos atentos=) acorde-nos ao arrependimento	ot_ub_oital niar_ía (aírain latiobuto)	أَحْسِبْ كُلَّ نَحْوٍ أَل

(continua no próximo número)

Palavras da Bíblia

Tu, pois, converte-te a Deus; guarda a benevolência e o juízo, e em teu Deus deposita a esperança sempre. A balança enganosa está nas mãos do cananita que ama a opressão.

E disse Efraim: Porque tenho enriquecido, tenho adquirido para mim dores e todo meu trabalho não me será suficiente pelos pecados que cometi.

Eu sou o Senhor Deus, teu Deus, que te tirei desde a terra do Egito; ainda te fiz habitar em tendas, como nos dias da festa solene. Falei aos profetas, e multipliquei as minhas visões; e pelos profetas propus símiles; em Gelead dores e em Galgolo em vão sacrificastes bois; mas vossos altares são como capim no campo estéril da Terra.

Livro da Profecia de Oséas - capítulo 12º

Significado de Nome

Jsaías, nome de homem. Esse nome é muito comum entre os cristãos do Oriente. Quanto ao Ocidente, podemos dizer que até meados do século passado, também o foi porém, com a influência da TV houve um crescimento desmedido de nomes imitando películas de TV, as quais tinham origem nos Estados Unidos da América do Norte e o nome **Jsaías** passou a ser pouco usado.

Jsaías é um nome semita e nos idiomas semitas (árabe, hebraico, aramaico / siríaco) se diz: exaía (os europeus preferem escrever com a grafia inglesa: *eshaia*).

Jsaías é um nome mencionado no Antigo Testamento. Foi um dos mais importantes profetas do Reino de Judá. Profetizou a vinda de Cristo que seria o salvador do povo de Deus.

Ninguém sabe ao certo a biografia do profeta **Jsaías**; é provável que tenha nascido no 8º século a.C. e falecido durante o início do reino de Manassé no 7º século a.C.

O nome **Jsaías** é composto por duas partes, ambas de origem semita. A primeira é "ixá" que significa "salvará" e a segunda, "ia" que é o nome de Deus, assim, **Jsaías** significa: **Deus que salvará**..

Leitura recomendada: Livro das Profecias de Jsaías cap. 7º

Palavras da Bíblia

Antes de mais nada, meus irmãos, absteide-vos de jurar. Não jureis nem pelo céu nem pela terra, nem empregueis qualquer outra fórmula de juramento. Que vosso sim, seja sim; que vosso não, seja não. Assim não caireis ao golpe do julgamento.

E se alguém entre vós está triste, que reze! Se está alegre, que cante!

E se enfermo, chame os sacerdotes da Igreja, e estes façam oração sobre ele, unguindo-o com óleo em nome de Nosso Senhor.

A oração da fé salvará o que estiver enfermo e Nosso Senhor o restabelecerá e se pecados cometeu, ser-lhe-ão perdoados.

Confessai pois os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros para serdes curados, grande é pois a força da oração que o justo a reza.

Carta de São Tiago - capítulo 5º

UMA ORAÇÃO DA QUARESMA

Incluimos aqui uma das orações cantadas nas igrejas dos Sirianis Ortodoxos de Antioquia. A composição lírica e musical é de Efrem, o siríaco, fundador e professor da universidade da cidade de Nissibis (em siríaco: Nëssebin), onde ele nasceu. Depois da invasão dos persas, mudou-se para Urhoy (Edessa dos romanos – atualmente fica na Turquia) e lá foi um dos professores mais importantes da nova universidade de Urhoy.

Efrem nasceu em Nëssebin em 306 d.C. e faleceu em Urhoy, em 373 d.C. Permaneceu sempre um diácono, nunca quis ser ordenado sacerdote pois, pensava que não merecia ser sacerdote de Deus; permaneceu celibatário durante toda sua vida e desde sua formação o bispo deu-lhe o grau de “monge noviço” (em siríaco: **dairoio xaruoio**). A cada estrofe cantada, há uma segunda composição poética composta por refrões (colocados entre parênteses). São quatro refrões cantados alternadamente aos versos.

Efrem ensinou seus alunos dessa forma e esses acabaram por ensinar os fiéis das igrejas que até hoje as cantam assim, Eis abaixo a poesia (a primeira estrofe com os refrões e as demais, sem, porém devem ser cantadas segundo o padrão da 1ª estrofe):

Glória a Ti, Senhor glória a Ti!
(dêem glórias; dêem glórias, aleluia)

Milhares de milhares de glórias a Ti!
(Senhor tem piedade de nós)

Miríades de miríades glórias a Ti!
(glória ao Senhor Deus, seja venerado Seu nome)

Glória a Ti e a nós compaixão!
(quirielaeison)

Glória a Ti, Senhor glória a Ti!

Milhares de milhares de glórias a Ti!

Abençoada é Tua honra desde sempre!

Grata é Tua congregação!

Glórias a Ti [clamam] os terrestres

Conforme a quantidade de folhas das árvores

O Senhor dos atentos O servem

E os anjos elevam-Lhe glórias!

Glória Àquele que aceita
as orações dos fracos
E como presente e oferenda
Aceita as lágrimas dos arrependidos!

CULTURA ORIENTAL- MÁMUL OU MERISSO?

Quem veio do oriente ou é descendente de orientais levantinos, já ouviu falar ou até mesmo experimentou um delicioso doce “árabe” conhecido em idioma árabe como *mámul*. Esse doce “árabe”, o *mámul* já é bastante divulgado no Ocidente (no Brasil também, é claro), em especial onde há comunidades que vieram do Oriente.

Doce “árabe”? Em outras edições do nosso informe **Suryoye** enfatizamos o problema da denominação.

Outrora, toda pessoa proveniente do Império Otomano era turco, mesmo que não fosse etnicamente proveniente do Turquemenistão*, assim, os que vieram da Síria, Líbano etc sempre eram “turcos” (Jorge A-

mado “comete esse pecado” ao chamar um libanês, Nacib, de “turco” na obra **Gabriela, Cravo e Canela**). Após a 2ª Grande Guerra, aqui no Brasil (talvez em todo o Continente Europeu e Continente Americano), somente era turco quem viera da Turquia e aí o povo brasileiro (e também o europeu e do continente americano) percebeu que quase não havia turcos imigrantes, ou eram tão poucos que ninguém sabia ao certo quem era turco. Havia, sim, pessoas de outras etnias, provenientes do Oriente, que não eram turcos e que se comunicavam em idioma árabe e então, o povo passou a chamar todos de “árabes”, novamente cometendo um erro básico, esquecendo que “árabe” é quem vem da Península Arábica: Arábia Saudita, Queite, Omã, Abu Dábi etc, na verdade, um lugar todo de desertos com pouquíssimos oásis, conhecido também como a Península Arábica. Quem vinha do Líbano, Síria, Iraque, Israel (Palestina) não poderia ser árabe, não era beduíno, não era andarilho pelos desertos, como o árabe. Pior, é o caso das pessoas provenientes do norte da África como: Egito, Líbia, Tunísia, Argélia, Marrocos e Sudão, eram chamados de árabes; vieram da África e a Península Arábica nem se quer fica na África, localiza-se na Ásia!

Isso tudo é dito preliminarmente para que o leitor possa começar a pensar. Como pode existir um doce árabe, se no deserto não há flores para que haja abelhas e se produza mel? (antigamente tudo era adoçado com mel, o açúcar é um produto industrializado no século XVI a partir da cana-de-açúcar proveniente da Índia). Como poderia haver um “doce árabe” se não se planta e nem se colhe trigo ou cevada no deserto? (Península Arábica é um deserto).

Analisemos o caso do “mámul” que chamamos de “doce árabe”.

Só com essas duas observações finais, já começamos a desconfiar que não estamos tratando de algo produzido pelos beduínos ou seja, pelos árabes propriamente ditos pois precisa de três produtos básicos e importantes: farinha, mel e água, que somente são produzidos / industrializados pelo ser sedentário e não por beduíno, por andarilho e um deles inexistente no deserto e os outros dois são raríssimos.

Realmente, “mámul” é uma palavra do idioma árabe que significa “feito”, “operado”. Exceto pelo que é selvagem todo o resto é produzido, i.e. “feito” pelo ser humano, assim, a sopa, o quibe, a esfiha, o falafel etc, tudo, linguisticamente, pode ser “mámul”. Então, a que esse nome se refere?

Citamos propositalmente esses alimentos (quibe, esfiha, falafel) pois já os descrevemos na seção **Cultura Oriental** em outras edições de **Suryoye** e vimos como não são produções árabes mas de povos sedentários que habitavam os países conhecidos hoje como “árabes” e que existiam, tanto os povos quanto os alimentos como os países, milhares de anos antes das invasões religiosas islâmicas conhecidas como invasões árabes.

Vimos também que todos esses alimentos da cozinha levantina, da cozinha oriental, tem seus nomes derivados do processo de sua produção; dessa forma, *quibe* tem esse nome pois é feito na palma da mão; também, *esfiha* tem esse nome por causa do processo de aplainamento que sofre a massa antes de “virar” uma esfiha e assim podemos citar todos pratos que já descrevemos. Se esse é o tema, ou melhor, se essa é a “batida do tema”, nada melhor do que verificar como é produzido esse doce e daí verificar a sua origem.

O que é o “mámul”?

Esse doce é uma massa dividida em bolotas dentro das quais se insere um pouco de uma amêndoa chamada pistache, depois são fechadas e assadas no forno. Após assar, sobre cada bolota despeja-se uma calda de açúcar ou de mel; às vezes, em vez de despejar o mel elas são embebidas em mel.

Ao pesquisarmos a origem dessa receita, deparamo-nos com uma publicação de arqueologia que fornece uma receita histórica idêntica. Em verdade, pegamos uma receita histórica, testada pela conhecida **Biblical Archeological Review (BAR)**. Essa “revista” chamou um historiador, Adam Maskevich, que usou uma receita antiga para testar. Claro que a opção recaiu sobre esse historiador que também é cozinheiro. Eis a receita:

- 230 gramas de tâmaras sem sementes, secas, picadas finamente
- 30 gramas de pistaches descascadas, picadas finamente
- 3 xícaras de chá (aproximadamente: 350 gramas) de cevada (Maskevich testou com farinha de trigo por

ser um produto mais comumente encontrado do que farinha de cevada)

- 120 gramas de manteiga gelada cortada em cubos pequenos

- ½ copo de água

- 5 colheres (de sopa) de leite (deve ser leite integral).

Maskevich colocou as tâmaras numa pequena panela e adicionou a água, em fogo médio; ficou mexendo constantemente até formar uma pasta grossa (5 a 8 minutos no fogo, segundo Maskevich são suficientes para formar a pasta).

Depois, misturou os pistaches e reservou tudo até esfriar.

Misturou a farinha com a manteiga até formar crostas rústicas. Acrescentou leite devagar até que a massa ficasse presa junta. Cobriu essa massa e refrigerou (ele pôs na geladeira, por causa do tempo, por 30 minutos).

Em seguida, quebrou a massa em pedaços de aproximadamente 5 centímetros e rolou cada pedaço com ambas mãos até que cada pedaço ficasse um pedaço flexível. Deu-lhe forma de bolas. Fez um buraco no meio de cada bola com o polegar ao mesmo tempo que “beliscava” as laterais com o próprio polegar e o dedo indicador (para aumentar o buraco no meio).

Em seguida, pegou um pouco da pasta de tâmaras que já estava fria (gelada) e preencheu até $\frac{3}{4}$ da bola aberta. Fechou a boca da massa preenchida, e rolou-a para formar uma bola. Repetiu isso com todos os pedaços de massa, colocando as bolas que se formavam numa travessa de assar (hoje pode ser mais prático usar as travessas cerâmicas que não grudam); em seguida levou ao forno pré-aquecido a 160°C durante 25 minutos. A receita pedia para embebedar em mel, porém, Maskevich (segundo sua própria declaração) preferiu aspergir mel sobre as bolas depois que esfriaram um pouco.

Por ser uma receita antiga, não havia essa riqueza de detalhes que nos fornece Maskevich; ele usou sua experiência de cozinha. Em verdade a receita histórica é um legado do cozinheiro do rei **Zimri Limm**, um rei de **Mari** entre 1776 e 1761 a.C., ou seja, quase 3.800 anos atrás ou ainda, 2.500 anos antes que os árabes aparecessem pelo oriente.

O que restou de **Mari** atualmente são as ruínas da cidade, na Síria, chamadas *Tall Hariri* e localizam-se às margens do rio Eufrates, portanto, na região conhecida como Mesopotâmia.

Agora, vamos aos nomes.

Em acadiano, que era o idioma assírio antigo e que dominou todo o oriente, desde o Egito até a Índia, e que era o idioma de **Mari**, essa iguaria chamava-se “**mersu**”. Olhando o dicionário de idioma acadiano (assírio), veremos no verbete: **mersu**, **mirsu** que é **um pequeno bolo, um bolo doce**. Adicionalmente ele nos diz que esse verbete é proveniente de “**marasu**” que significa: “**misturar, fazer massa, fazer uma pasta** (ou “purê”). Observemos que esse é exatamente o processo básico: fazer uma massa, uma pasta.

Será que encontraremos algo em aramaico (síriaco) que nos traz daquele tempo a nossos dias?

No dicionário de síriaco temos o verbete: **mras / nemrus** (lembrar que em todas as línguas semitas, a letra “m” sempre é pronunciada fechando o lábio superior sobre o inferior, como na palavra “**música**”; a letra “r” é pronunciada como na palavra “**letra**” e a letra “s” é pronunciada como se se escrevessem dois “s” como na palavra “**cessar**”) e que significa **esmagar** (pensar como num purê), também **embebedar** e para este último caso, o exemplo dado na conjugação passiva é: **etmaras behamro** = **foi embebido em vinho**. A massa (ou o “purê”) é conhecida por: **meriso**; i.e. aquilo que está amassado [a pronúncia em português seria: **merisso**]. Parte dos aldeões de Tur Abdin, isto é, dos lavradores dos sítios nas montanhas do Noroeste da Mesopotâmia que conseguiram escapar do “Sáifo” (foi o Genocídio perpetrado pelos curdos e turcos- otomanos entre 1915 e 1918) e que fugiram para a Terra Santa, chamavam todo tipo de alimento amassado (conhecido no Brasil como “purê” ou “patê”) por **meristo** que é a forma gramatical feminina de **meriso**.

É interessante também, observar outros termos e nomes que provém do acadiano e que persistem no linguajar dos agricultores na região da Mesopotâmia e adjacências ocidentais (Síria, Líbano) e que acharam seu caminho pela Europa como produtos importados, por exemplo: **pistache** (em português) > **pes-**

teq (aramaico / siríaco); **tâmara** (em português) > **tamar** (aramaico/siríaco).

Vemos então que o processo provém da Mesopotâmia e tanto o idioma assírio antigo quanto o seu sucessor, o idioma aramaico (siríaco) informam-nos que o nome pelo qual era conhecida essa iguaria: “**mersu**”, permitem-nos dizer que tal iguaria, esse “doce”, não teve sua origem no deserto da Arábia, não é árabe; simplesmente os beduínos (andarilhos árabes) conheceram-no por onde ambulavam e deram-lhe um nome que informava que não existia na natureza, era feito pelo ser humano.

Observação:

*Turquemenistão não é a Turquia, é uma região na Ásia Central donde provém o povo turco. Onde atualmente existe a República da Turquia, até 1453 era o Império Romano do Oriente também conhecido como Império Bizantino. Nesse ano de 1453 o povo turco, invadiu a capital do Império Bizantino e lá se instalou, formando aquilo que seria conhecido como Império Otomano, O idioma dos turcos não é semita é Altaico (um tipo parecido com o mongol).

Para saber mais

- 1) BAR - *Test Kitchen: Mersu. Ancient Syrian date pastries*. Megan Sauter, August 15, 2018.
- 2) Black, J e George, A. – *A Concise Dictionary of Akkadian*.. Harrassowitz Verlag. Wiesbaden. 2000.
- 3) Payne-Smith, J. – *A Compendious Syriac Dictionary*. Clarendon Press. Oxford. 1902.
- 4) CAL - *Comprehensive Aramaic Lexicon*. Hebrew Union College. Cincinnati. USA. 2014.

FESTIVIDADES DO 3º BIMESTRE DE 2021

Destacamos a seguir algumas festividades religiosas que marcam o cristianismo sendo que algumas, a nossa Igreja Siríaca de Antioquia lhas dá ênfase maior que as co-irmãs Igrejas do Ocidente. Em geral, acompanham-nos nessa ênfase a Igreja Copta (Egito), a Igreja Abexim (Etiópia) e a Igreja Armênia. Em nosso Calendário, temos diversas comemorações, em especial os seguintes eventos que se destacam:

Maio		Junho	
Dia	Comemoração	Dia	Comemoração
01	Sábado das Luzes	05	S. Tiago de Edessa
02	Ressureição de NSJC (Páscoa)	14	40º ano da Consagração da Igreja Sta Maria.
05	S. Aho	15	Mártires do Genocídio – Sayfo (1915)
08	Sta. Simone e seus filhos	17	Ascensão de NSJC
09	(Sto. Aho)	26	Jejum dos Apóstolos (26 a 28)
15	Festa de N.Sra. sobre as Colheitas	27	Pentecostes
16	Sto. André, apóstolo.	29	S. Pedro e S. Paulo.
20	S. Dodo	30	Doze Apóstolos
28	Sta. Teodósia		

UMA ORAÇÃO DA SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO

o enterro do Messias Nosso Rei
foi vida aos seres humanos
se dentro da sepultura não fosse colocado
as portas enormes do Paraíso
não se abririam
pois então Senhor
ressuscita as almas de teus servos
que esperançosos em Ti dormiram!

UMA ORAÇÃO DA RESSUREIÇÃO

*Desde Adão começou a Morte
E estendeu seu caminhar até o Messias.
O Messias fez cessar seu domínio
E quebrou o aguilhão do pecado.
E pregada é por todas as gerações
Essa Vitória
Que se obteve na Cruz.*

تکلیف ہی سیکھنے سے ہے

وَإِنِّي لَأَعْلَمُ أَنَّكُمْ تَعْلَمُونَ مَاذَا قُلْتُمْ وَأَنَّكُمْ عِلْمُ الْيَوْمِ لِلَّهِ أَغْنَىٰ عَنِّي ۚ وَإِنِّي لَأَعْلَمُ أَنَّكُمْ تَعْلَمُونَ مَاذَا قُلْتُمْ وَأَنَّكُمْ عِلْمُ الْيَوْمِ لِلَّهِ أَغْنَىٰ عَنِّي ۚ

وَأَنِّي لَأَعْلَمُ أَنَّكُمْ تَعْلَمُونَ مَاذَا قُلْتُمْ وَأَنَّكُمْ عِلْمُ الْيَوْمِ لِلَّهِ أَغْنَىٰ عَنِّي ۚ وَإِنِّي لَأَعْلَمُ أَنَّكُمْ تَعْلَمُونَ مَاذَا قُلْتُمْ وَأَنَّكُمْ عِلْمُ الْيَوْمِ لِلَّهِ أَغْنَىٰ عَنِّي ۚ

صحیح بخاری، جلد ۱، صفحہ ۱۰۶

UMA ORAÇÃO DA QUARESMA

مہربانیاں! میں نے سنا ہے کہ:

(اللہ، اللہ، اللہ)

اے اللہ! اللہ! اللہ!

(میں نے سنا ہے کہ)

تو مجھے معلوم ہے کہ:

(میں نے سنا ہے کہ، اللہ! اللہ!)

میں نے سنا ہے کہ اللہ نے تمہیں

(میں نے سنا ہے کہ)

میں نے سنا ہے کہ تم نے کہا:

اللہ! اللہ! اللہ!

میں نے سنا ہے کہ:

میں نے سنا ہے کہ اللہ نے تمہیں

میں نے سنا ہے کہ میں نے سنا ہے کہ:

اے اللہ! اللہ! اللہ!

میں نے سنا ہے کہ اللہ نے تمہیں

میں نے سنا ہے کہ میں نے سنا ہے کہ

میں نے سنا ہے کہ اللہ نے تمہیں

میں نے سنا ہے کہ:

میں نے سنا ہے کہ اللہ نے تمہیں

میں نے سنا ہے کہ:

UMA ORAÇÃO DA SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO

مجه واه ودمعسا ملحم
 ستا واه كحنتنم
 الكهلا وحيه قديلا لا الهه
 :اه
 لوتحا وتما وقيومها
 لا اله الا هو :هه
 صه من ايل
 اس كتحقلا وحقن
 وعبج حلا هحن

مومعتنا ومنه حره لا واه صوم حه حلا ورمعه لا ه صه ملحم حه حره
 حلا واه حلا واه ملحم :اه اس ملحم واه

UMA ORAÇÃO DA RESSUREIÇÃO

مع اوامر من ماله
 هملات واه حوما كمعسا
 معسا كلحه جمع كلته
 هله حهمها وسلها
 هه ملانرا حلا ووه
 هه رجهلا
 واه كرمها

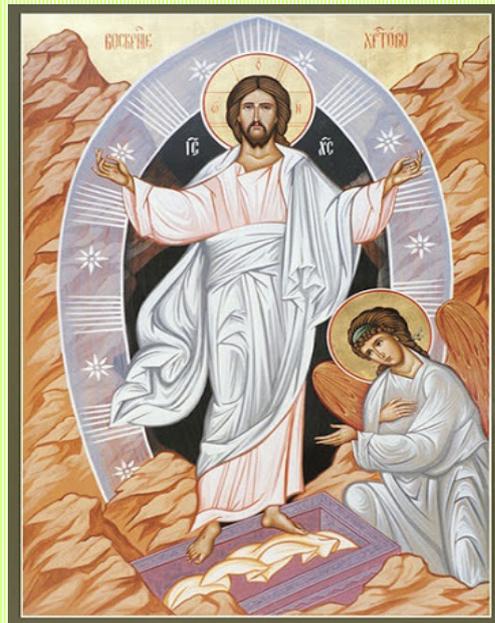
S. Emca. Arcebispo Mor Severios Malki

Deseja a Todos os Fiéis da

Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia

no Brasil:

Feliz Páscoa



ܠܟܘܢ ܕܡܫܝܚܐ ܕܡܪܝܡ ܕܡܫܝܚܐ ܕܡܫܝܚܐ

ܕܡܫܝܚܐ ܕܡܫܝܚܐ ܕܡܫܝܚܐ

ܕܡܫܝܚܐ ܕܡܫܝܚܐ ܕܡܫܝܚܐ ܕܡܫܝܚܐ ܕܡܫܝܚܐ

ܕܡܫܝܚܐ ܕܡܫܝܚܐ ܕܡܫܝܚܐ ܕܡܫܝܚܐ

ܕܡܫܝܚܐ ܕܡܫܝܚܐ ܕܡܫܝܚܐ ܕܡܫܝܚܐ

ܕܡܫܝܚܐ ܕܡܫܝܚܐ ܕܡܫܝܚܐ ܕܡܫܝܚܐ

O Conselho Deliberativo,

a Diretoria Executiva e

a Liga das Senhoras

da

Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria

desejam a todos os fiéis

Feliz Páscoa



ܦܫܚܐ ܕܡܫܝܚܐ ܕܡܫܝܚܐ ܕܡܫܝܚܐ